

O VOLEIBOL FEMININO E SEU POSICIONAMENTO NO CAMPO ESPORTIVO BRASILEIRO

Tatiana Moreira¹
Juliana Vlastuin²
Wanderley Marchi Jr.³

RESUMO

O presente artigo oferece reflexões introdutórias acerca do posicionamento do voleibol feminino no interior do campo esportivo brasileiro. Por meio da pesquisa exploratória com base em Pinheiro (1995), Pizzolato (2004), Marchi Jr. (2004), Costa (2005), Vlastuin (2008), Moreira (2009) e Afonso (2011), identificamos pontos centrais que orientaram a interpretação sociológica fundamentada pela Sociologia Reflexiva de Bourdieu. Constatamos que a trajetória histórica do voleibol feminino no campo esportivo brasileiro se deu entre habitus construídos e legitimados sob efeitos de dominação simbólica do voleibol masculino, instauradores das leis de reprodução social e que refletem o seu posicionamento hierárquico no campo esportivo brasileiro.

Palavras-chave: Voleibol feminino; Campo esportivo brasileiro; Poder.

1 Mestre em Educação Física. CEPELS/UFPR. Universidade Federal do Paraná. Curitiba/Paraná, Brasil. E-mail: tatisviesk@hotmail.com.

2 Doutora em Sociologia. CEPELS/UFPR. Universidade Federal do Paraná. Curitiba/Paraná, Brasil. E-mail: vlastuin6@yahoo.com.br.

3 Pós doutorado em Sociologia do Esporte. CEPELS/UFPR. Universidade Federal do Paraná. Curitiba/Paraná, Brasil. E-mail: marchijr@ufpr.br.

INTRODUÇÃO

A afirmação de que a “escola brasileira de voleibol” é a referência mundial da modalidade vem sendo reforçada a cada competição no nível de alto rendimento esportivo. Nos últimos dois rankings divulgados pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB), entidade responsável pelo gerenciamento da modalidade a nível mundial, o Brasil continua entre as primeiras colocações no voleibol feminino e masculino, a frente de países historicamente hegemônicos como Rússia, Sérvia, Estados Unidos, Japão, Cuba, Itália e China (FIVB, 2012a, 2012b).

Tal posição pode ser ilustrada pela conquista de títulos nas principais competições que envolvem a modalidade. Na Copa do Mundo de Voleibol, a seleção feminina foi três vezes vice-campeã (1995, 2003 e 2007) e a masculina é atualmente bicampeã (2003 e 2007). Nas últimas quatro edições dos Jogos Olímpicos (1996, 2000, 2004 e 2008), as seleções femininas e masculinas conquistaram duas medalhas de ouro, uma de prata e duas de bronze (CBV, 2012a).

Vice-líder do ranking mundial da FIVB, a seleção feminina brasileira seguiu uma cronologia diferenciada em relação à masculina, sobretudo em termos de resultados internacionais. Dentre os seus títulos, destacamos: dezesseis vezes campeã sul-americana; quatro vezes campeã pan-americana; oito vezes campeã do Grand Prix e uma vez campeã olímpica⁴.

A fim de compreender os processos sociais envolvidos na história do voleibol nacional, o objetivo do presente artigo é apresentar uma discussão sociológica acerca do voleibol feminino no campo esportivo brasileiro. Para alcançar tal objetivo, fizemos um levantamento de alguns trabalhos que tiveram o voleibol como objeto de estudo, sob enfoque sociológico, histórico e administrativo.

Dos trabalhos elencados, destacamos pontos centrais que subsidiaram nossa interpretação sociológica acerca da história do voleibol brasileiro. Para a leitura desses dados, mobilizamos as noções-chave de campo, habitus, capitais, poder e reprodução de Pierre Bourdieu. É o que apresentamos a seguir.

UMA TEORIA DO PODER E DA AÇÃO

A prática da ação social representa uma condição de pensarmos nosso objeto de pesquisa ao mesmo tempo em que refletimos a própria prática. É o que postula a chamada Sociologia Reflexiva ou Sociologia da Prática de Pierre Bourdieu, cujo objetivo é construir a ação enquanto uma categoria sociológica de análise.

Ao contrário da ação racional que carrega uma intenção lógica com fins calculados, a legitimação da ação prática representa para o autor “uma lógica em si, sem reflexão consciente nem controle lógico” (BOURDIEU, 2009a, p. 152).

4 Campeonatos sul-americanos: 1951, 1956, 1958, 1961, 1962, 1969, 1981, 1991, 1995, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005, 2007 e 2009; campeonatos pan-americanos: 1959, 1963, 1999 e 2011; Mundial Grand Prix: 1994, 1996, 1998, 2004, 2005, 2006, 2008 e 2009 e Jogos Olímpicos: 2008. Cf. CBV. Confederação Brasileira de Voleibol Seleção brasileira. Disponível em: <http://migre.me/4uUc7> Acesso em: 03 jun. 2012a.

A partir de vicissitudes históricas da ação, introduzimos os princípios mobilizadores dessa prática nos “espaços sociais dos possíveis”: o conceito de habitus integrado as noções de campo, capital, dominação e poder. Nas palavras do autor:

Produto da história, o habitus produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme aos esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências passadas, que depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo (BOURDIEU, 2009a, p. 90).

A interpenetração ontológica do habitus a partir da ação necessita do “espaço dos possíveis” para se objetivar. Caracterizado como um conceito relacional, o campo representa um lócus social de disputas, concorrências e lutas por objetos comuns de interesse e pelo alcance de posições distintas entre níveis dominantes e dominados.

Esta relação simbiótica está na base da constituição de vários campos e subcampos⁵ dentro de uma perspectiva mútua de relativa autonomia social, onde “só estudando cada um desses universos se pode pesar até que ponto estão constituídos, onde terminam e quem está dentro ou não no campo” (BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 138, tradução nossa).

A estrutura organizacional do voleibol pode ser observada como representação da precedente assertiva. Esta não é

composta apenas por esportistas que têm ligação direta com o esporte (BOURDIEU, 1983). Há agentes que não necessariamente praticam o esporte, mas que estão ligados de outras formas nos âmbitos administrativo, financeiro, empresarial, econômico, contábil, político, marketing, dentre outros.

Esses elementos permitem alguns questionamentos que orientam a constituição do conjunto de agentes sociais ligados direta ou indiretamente ao universo das ações de ofertas e demandas da modalidade:

Como foi se constituindo, progressivamente, este corpo de especialistas que vive direta ou indiretamente do esporte (corpo do qual fazem parte os sociólogos e historiadores do esporte – o que sem dúvida não facilita a colocação do problema)? E mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo de concorrência onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados às posições que aí ocupam? (BOURDIEU, 1983, p. 137, grifos no original).

Dito isto, como abordarmos os elementos práticos de um campo e quais os passos necessários para analisar o subcampo esportivo do voleibol feminino? De acordo com Bourdieu e Wacquant (2008, p. 143, tradução nossa), primeiro, “se deve analisar a posição do campo frente ao campo do poder”, ou seja, se sua posição é dominante ou dominada.

O campo do poder se manifesta enquanto espaço social mais amplo, não deve ser confundido com o campo político,

5 O termo subcampo se refere, no sentido proposto por Bourdieu a “subuniversos internamente organizados a maneira de campos que estão unidos e divididos em segmentos internos e oposições externas” Cf. BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 151, tradução nossa. Nesse caso, queremos indicar a existência do subcampo do voleibol feminino no campo do voleibol brasileiro.

nem com o econômico, tampouco com o esportivo, na medida em que mantém uma condição dominante em relação às orientações conservadoras e subversivas inseridas nos diversos campos. Ainda de acordo com os autores, “o campo do poder deveria ser pensado ‘como uma espécie de meta-campo com uma quantidade de propriedades emergentes e específicas’” (BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 43, tradução nossa).

A manutenção ou transformação dessas forças envolvidas depende do volume de investimento dos agentes sociais nos diferentes tipos de capitais (econômico, social, cultural e simbólico) para o alcance de novas aquisições e posições distintas.

Segundo passo: “é necessário traçar um mapa da estrutura objetiva das relações entre as posições ocupadas pelos agentes ou instituições que competem pela forma de legitimidade da autoridade específica do campo” (BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 143, tradução nossa).

O reconhecimento por parte dos agentes ou instituições sociais de compatibilidades entre as estruturas incorporadas e objetivadas pelos habitus traz à tona os princípios de ação característicos de cada campo, o que pode tornar evidente suas regras de funcionamento.

Ao identificar esse “senso prático” do jogo social (BOURDIEU, 2009a), estratégias de conservação e subversão dos agentes sociais em posições dominantes e dominadas são mobilizadas. O princípio fundamental dessa contínua modificação da ordem social é o desequilíbrio mútuo da balança de poder por meio da conservação ou transformação das estratégias sociais de reprodução, visando o acúmulo de lucros específicos em jogo no campo.

E terceiro: analisar o habitus dos agentes, os diferentes sistemas de disposições que foram adquiridos pela internalização de determinados tipos de condições sociais que encontram, dentro do campo em estudo, condições mais ou menos favoráveis para se concretizarem em uma trajetória definida (BOURDIEU; WACQUANT, 2008, p. 143, tradução nossa).

A ação histórica das incessantes transformações do habitus no campo possibilita uma tendência à reprodução das condições objetivadas pelos antecessores de um mesmo agente (ou grupo social). A explicitação de investimentos econômicos, sociais, culturais e simbólicos em condições históricas de produção (e reprodução) no campo subsidia o entendimento da noção de capital, amplamente discutida na obra de Bourdieu.

O capital econômico representa um conjunto de bens materiais detentores de garantias simbólicas. O reconhecimento da posse de capital econômico não possibilita “integrar em suas análises e menos ainda em seus cálculos nenhuma das formas de interesse ‘não-econômico’” (BOURDIEU, 2009a, p. 188). Sendo assim, as formas de dominação e violência social se dão pela classificação, desclassificação e reclassificação entre os agentes dominantes e dominados conforme a incorporação igual (ou desigual) de capitais.

O capital social define a rede de relações sociais mobilizada pelos agentes sociais nos diversos campos existentes. O pertencimento a um grupo carrega condições de acesso e permanência historicamente instituídas pelas objetivações familiares e escolares mediante os habitus. O capital social se configura enquanto “[...] capital de relações mundanas, (fonte de “apoios” úteis)

de honradez e respeitabilidade, muitas vezes indispensável para atrair ou assegurar a confiança da boa sociedade e, por esta via, de sua clientela, podendo inclusive resultar numa carreira política". (BOURDIEU, 1998, p. 234).

O capital cultural se constrói pelo conjunto histórico de cooptações familiares e escolares interiorizadas, cuja estrutura de distribuição é simétrica e inversa à distribuição do capital econômico no terreno da reconversão de capitais (BOURDIEU, 1998). Sob três formas de existência tácitas, o capital cultural se manifesta em estado incorporado (disposições do corpo); objetivado (posse de bens culturais) e institucionalizado (sanções institucionais).

E, por último, o capital simbólico, que na hierarquia de conservação ou transformação das lutas simbólicas carrega uma base cognitiva de conhecimento e reconhecimento, no qual seu lugar por excelência é a classe dominante. O crédito material e simbólico proveniente dos laços sociais mantidos pelos capitais sociais e culturais garante a legitimidade de reconhecer e ser reconhecido (ou não) em um grupo. O reconhecimento da natureza simbólica das relações sociais mostra muitas vezes a necessidade de objetivação dos efeitos ocultos das distâncias sociais.

Em suma, ao finalizar essa etapa de entendimento de algumas categorias analíticas da teoria sociológica bourdieusiana, chamamos a atenção para o propósito dessa sessão: apreender a ação por meio das orientações relacionais do habitus, campo, capitais, poder e reprodução. Acreditamos que os primeiros investimentos teórico-metodológicos necessários à abertura do debate empírico foram dados. Passamos então a delimitação do objeto de análise.

UMA RELEITURA DAS LEITURAS SOBRE VOLEIBOL BRASILEIRO

Para subsidiar o entendimento das especificidades da trajetória do voleibol feminino na dinâmica do poder do campo esportivo brasileiro, estabelecemos um diálogo entre algumas produções acadêmicas que tiveram como objeto de suas investigações o voleibol brasileiro. Apesar da proximidade dos trabalhos em função do tema, denotamos que os mesmos possuem eixos norteadores diferenciados. Apresentamos a seguir este detalhamento, com focos nas contribuições das produções científicas estudadas para nosso objeto, o voleibol feminino.

A dissertação de mestrado "O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994" desenvolvido por Ana Beatriz Latorre de Faria Pinheiro em 1995 aparece como a pioneira a tratar o voleibol brasileiro sob uma perspectiva histórica. Com o objetivo de analisar a entrada do marketing esportivo no voleibol masculino brasileiro entre os anos 1980 e 1994, Pinheiro (1995) explicita que os investimentos gerados pela seleção masculina angariaram títulos internacionais inéditos "que a colocaram na faixa superior do ranking mundial, desde a década de 1980" (PINHEIRO, 1995, p. 22).

A autora atribui a ascensão do voleibol masculino entre as modalidades esportivas brasileiras à transição do status hegemônico conquistado na América do Sul para a integração da equipe entre as principais forças mundiais da modalidade, até então dominadas por equipes asiáticas e européias.

Apesar de vincular claramente a ascensão do voleibol brasileiro às conquistas

internacionais da seleção masculina, a autora lança apontamentos sobre o voleibol feminino, no sentido de justificar a escolha de seu objeto de análise como colocado a seguir: “a exclusão da categoria feminina resultou para a autora do fato das inversões em marketing terem sido mais acentuadas na categoria masculina adulta, precursora de tais benefícios” (PINHEIRO, 1995, p. 22). Esse estudo contribui ao considerar as particularidades histórico-sociais das categorias masculina e feminina dentro do recorte de um mesmo objeto de estudo: o voleibol brasileiro.

A dissertação de mestrado “Profissionalização de organizações esportivas – um estudo de caso do voleibol brasileiro” (2004), de Eduardo de Andrade Pizzolato procurou investigar quais aspectos da gestão organizacional auxiliaram no processo de profissionalização do voleibol brasileiro.

O autor utilizou a Teoria Institucional como base analítica, além de pesquisa documental, análise de conteúdo e entrevistas semi-estruturadas com representantes do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), FIVB, Governo Federal, Federações Mineira de Voleibol (FMV). Também entrevistou agentes da comissão técnica, árbitros, patrocinadores, mídia e atletas de clubes nacionais.

Ao longo do estudo, Pizzolato (2004) desenvolve os seguintes eixos de discussão: 1) entendimento sobre o esporte e empresa profissional; 2) histórico nacional e internacional do voleibol; 3) características da política de qualidade da CBV; 4) principais títulos conquistados pelas seleções brasileiras ao longo da história e 5) entrevistas com agentes de diferentes campos.

Ao visualizar no exemplo da gestão do voleibol brasileiro uma das possibilidades

para se compreender questões relativas à profissionalização da gestão de outras entidades esportivas, o autor dá luz ao campo organizacional da CBV, entrevistando profissionais de diferentes áreas do conhecimento que contribuem para que a CBV seja um exemplo de gestão esportiva bem sucedida no país.

A perspectiva sociológica de Wanderley Marchi Jr., no livro “Sacando” o Voleibol (2004) contribui para o entendimento da trajetória do voleibol masculino brasileiro. Com respaldo nos pressupostos teóricos da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu e da Teoria dos Jogos de Norbert Elias, o autor realiza uma análise histórica e descritiva da modalidade, a partir da explicitação das passagens do amadorismo para o profissionalismo espetacularizado. Essas passagens denominadas por Marchi Jr. como “viradas” caracterizaram o intervalo entre as décadas de 1970 e 1990.

Na medida em que as estruturas e agentes sociais do voleibol brasileiro davam seus primeiros passos em busca do profissionalismo, diversas instâncias foram mobilizadas pela CBV para atender as novas exigências da modalidade no país.

Esses indícios demonstraram a nova proposta organizacional da CBV baseada nos modelos de gestão profissionais norte-americano, italiano e japonês. Além do mérito profissional de técnicos, assistentes técnicos, preparadores físicos e atletas, a CBV também investiu na contratação de outros profissionais como gerentes executivos, analistas de mercado, promotores de marketing, especialistas em comunicação, imprensa e estatística. Dentro desses setores foram desenvolvidos planejamentos estratégicos relacionados à otimização do voleibol a curto, médio e longo prazo, desde as categorias de base das seleções.

Em linhas gerais, Marchi Jr. (2004) evidenciou que as instituições e agentes sociais do voleibol não visam somente a criação de uma parcela de praticantes da modalidade. As constatações empíricas do autor também revelaram que é necessária a mobilização de capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos de outros campos, como o midiático e o empresarial para que o voleibol masculino consiga manter sua posição distintiva no cenário esportivo mundial.

Com foco no voleibol de praia, encontramos a tese de doutorado de Marília Maciel Costa intitulada: "Vôlei de praia: configurações sociais de um esporte-espetáculo de alto rendimento no Brasil" (2005). O objetivo da autora foi discutir a estruturação do voleibol de praia como produção de alto rendimento esportivo no Brasil (COSTA, 2005).

Em seu manuscrito, Costa (2005) reconstruiu as estratégias institucionais do patrocínio privado entre o voleibol nacional e o Banco do Brasil (BB), desde o início dessa parceria, em 1991. De acordo com os dados empíricos da autora, a empresa percebeu que o esporte estava entre as atividades de maior interesse do público jovem no país e que o voleibol era uma das modalidades mais assistidas na TV. Diante dessa avaliação, o BB apostou no investimento em marketing esportivo para atrair clientes mais jovens e rejuvenescer sua imagem institucional na época.

Nesse sentido, o investimento do BB também aconteceu no voleibol de praia, quando a estratégia de patrocínio foi semelhante ao voleibol de quadra. Para Costa (2005), a criação do Circuito Nacional de Vôlei de Praia foi fundamental para perceber como ocorreu a mercantilização e espetacularização da modalidade no Brasil. A autora concluiu que, "a estruturação do vôlei de praia ocorreu sustentada por um processo de institucionalização singular, responsável pela profissionalização e pelos expressivos resultados da modalidade, garantindo-lhe posição hegemônica" (COSTA, 2005, p. 15).

Delimitando o estado da arte para um caso regionalizado, selecionamos a dissertação de mestrado de Juliana Vlastuin chamada "O caso da equipe de voleibol feminino Rexona (1997-2003): um estudo das inter-relações com a mídia esportiva" (2008). Através da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu, entrevistas semi-estruturadas e dados empíricos coletados de reportagens publicadas na mídia impressa paranaense, Vlastuin (2008) diagnosticou que a decisão da transferência da equipe Rexona do Paraná⁶ para o Rio de Janeiro em 2003 se deu a partir de um conflito de interesses relacionado às esferas do poder público e privado (VLASTUIN, 2008, p. 122).

Intervenientes como o histórico de títulos da equipe de 1997 a 2003⁷; o apoio do governo estadual, da torcida paranaense e da mídia na repercussão regional e

6 De 1997 a 2003 quando representou o Paraná, o Rexona foi bicampeão da Superliga Feminina de Voleibol das edições 97/98, 99/00 e vice-campeão da edição 98/99. Representando a cidade do Rio de Janeiro, o Rexona-AdeS se sagrou hexacampeão brasileiro conquistando os títulos das edições 05/06, 06/07, 07/08 e 08/09 da Superliga.

7 Bi-campeão da Superliga Feminina de Voleibol das edições 97/98, 99/00 e vice-campeão da edição 1998/1999.

nacional da equipe; o comando do técnico Bernardinho da Seleção Brasileira Masculina de Voleibol na época; a formação da equipe por jogadoras experientes como Érika, Sassá, Walewska e Elisângela que atuaram na Seleção Brasileira Feminina de Voleibol, além das contratações de atletas estrangeiras e o patrocínio da multinacional Unilever, não foram suficientes para que a equipe permanecesse em Curitiba.

A gestão profissional da equipe reforçou a busca por uma maior visibilidade midiática junto a outro público-alvo (VLASTUIN, 2008, p. 133). A manifestação de um habitus social pela interdependência entre os agentes sociais atestou sua relativa autonomia na constituição do campo esportivo, que na conjuntura do voleibol feminino paranaense representou um “jogo” mercadológico (VLASTUIN, 2008, p. 151).

A dissertação de mestrado de Tatiana Sviesk Moreira intitulada: “Voleibol feminino no Brasil: do amadorismo à profissionalização” (2009) é uma análise do processo de profissionalização do voleibol feminino brasileiro ocorrido no início da década de 1980.

Sublinhamos dois dos acontecimentos históricos apontados por Moreira (2009) como elementos chave na ruptura com o amadorismo: 1) A cobertura televisiva dos primeiros jogos de voleibol feminino juntamente com as primeiras ações de marketing esportivo na ocasião do Campeonato Sul-Americano de 1981 e 3) A realização do Mundialito na cidade de São Paulo em 1982, evento estrategicamente planejado para testar a popularidade do voleibol feminino no Brasil.

Moreira (2009) chama a atenção para as implicações dos resultados esportivos expressivos do selecionado masculino durante

a década de 1980 - como o primeiro lugar no Mundialito em 1981, vice-campeonato no Mundial em 1982 e nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984, que atraíram investidores e confirmaram sua posição dominante na busca pelo status de modalidade profissionalizada no Brasil.

A autora constata que, como a seleção feminina ainda não apresentara resultados internacionais almejados, a gestão da CBV pôs em prática uma estratégia mercadológica denominada “Musas do Voleibol”, que funcionou como uma “moeda de jogo” importante para a popularização do voleibol feminino no Brasil.

Para Moreira (2009), a inserção dos campos midiático e empresarial modificou consideravelmente a estrutura do voleibol feminino nacional que, paulatinamente, tornou-se um “produto” a ser vendido.

O voleibol de praia, abordado na tese de doutorado de Gilmar Francisco Afonso intitulada: “A reinvenção do voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983-2008)” (2011) apresenta a constituição do campo mundial do voleibol de praia no período de 1983 a 2008.

A leitura sociológica de Afonso trouxe a hipótese que o desenvolvimento histórico do voleibol de praia se instaurou como um produto da marca institucionalizada do voleibol, ao contribuir para que o voleibol na praia fosse transformado em voleibol de praia.

Ao longo da tese, Afonso analisa o processo de institucionalização do voleibol de praia, descreve a história do voleibol e do voleibol de praia e analisa as relações estabelecidas entre as instituições e os agentes que fazem parte deste campo de concorrências. O autor conclui que as

singularidades inerentes ao voleibol de praia são principalmente estruturais, pelo fato do voleibol de praia ser um produto da marca voleibol e ter na sua origem a característica de ser um produto comercial estrategicamente reinventado para veicular na televisão (AFONSO, 2011).

DISCUSSÃO

A revisão de literatura dos trabalhos nos revelou que o voleibol brasileiro adotou modificações estratégicas viabilizadas por instituições e agentes sociais inseridos na dinâmica movida pelas disputas próprias do campo esportivo. Desta maneira, no decorrer de sua trajetória histórica no Brasil, as características do voleibol foram influenciadas e influenciadoras da lógica dos campos midiático e empresarial.

Desde os primeiros indícios de profissionalização, tanto o voleibol feminino quanto o masculino trilharam seus percursos históricos de acordo com suas especificidades. Impulsionado pela televisão e patrocínio das empresas, o fator visibilidade tornou-se uma importante “moeda de jogo” inicialmente prescrita pelo campo esportivo e historicamente utilizada a favor dos interesses midiáticos e empresariais.

A noção de campo Pierre Bourdieu nos permite explorar os mecanismos históricos de dominação presentes nos preconceitos de gênero da modalidade. A posição peculiar da mulher no mercado de bens simbólicos contribui para a compreensão da conjuntura histórica de oposição entre o voleibol masculino e o feminino a partir de uma “relação de forças materiais e simbólicas entre os sexos” (BOURDIEU, 2007, p.10).

Essa relação de forças materiais e simbólicas reproduzidas de um gênero para o outro pode ser entendida mediante a noção de reprodução social de Bourdieu. Para o autor, a reprodução se define pelo trabalho prolongado de inculcação que produz a interiorização de um arbitrário cultural sob a forma de um habitus durável e transferível, e que, por conseguinte, é capaz de gerar práticas conformes a esses princípios fora de e para além de toda regulamentação expressa e de todo apelo explícito à regra (BOURDIEU, 2011, p. 57).

O sistema que produz a interiorização de um arbitrário cultural caracteriza-se pela posição que ele ocupa entre: 1) o modo de inculcação que produz um habitus pela inculcação inconsciente de princípios só manifestados no estado prático (pedagogia implícita) e 2) o modo que inculcação que produz o habitus pela inculcação metodicamente organizada enquanto tal por princípios formais e mesmo formalizados (pedagogia explícita) (BOURDIEU, 2011, p. 69).

Ao identificar no voleibol feminino construções corporais fomentadoras de “crenças” que influenciam até os dias atuais a participação feminina na modalidade, temos que a construção dos corpos nesse espaço esportivo segue princípios sócio-culturais arquitetados na dicotomia biologicista entre os sexos. Em outras palavras, entendemos que as características sociais generificadas determinam o reforço de características corporais femininas e masculinas na modalidade, independente do sexo dos atletas.

Desse modo, salientamos que o voleibol feminino brasileiro trilhou um caminho no qual as nuances estéticas das jogadoras realçadas pelos seus atributos de feminilidade as inseriram na lógica de

mercado fomentada pela mídia e marketing promocional a partir dos primeiros indícios da profissionalização da modalidade. O acúmulo de capitais provenientes das disputas em jogo no campo esportivo construiu uma história vencedora da modalidade através do voleibol masculino com uma tendência de generalização para o voleibol feminino.

Por considerarmos fundamental a singularidade da natureza feminina na trajetória histórica da modalidade, é que identificamos uma lacuna no que diz respeito a abordagem do voleibol feminino como estrutura estruturada e estruturante do processo histórico-social do voleibol brasileiro. Essa constatação pode ser confirmada pela existência de um sutil e (quase) despercebido efeito de generalização do percurso histórico do voleibol masculino para se referir ao percurso histórico do voleibol feminino (ou até mesmo a sua omissão).

Entendemos que essa dinâmica de poder pensada a partir da legitimidade histórica de dominação entre os sexos (BOURDIEU, 2007) suscita a necessidade de se desenvolver uma agenda de investigações esclarecedora em relação às particularidades do segmento feminino e do masculino em suas posições interdependentes na modalidade, sem a necessidade da “desqualificação” da condição social de um gênero ou outro.

Em consonância com a afirmativa de Bourdieu (2007, p. 112) de que “as próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino”, a revisão das pesquisas selecionadas para esse artigo nos traz o voleibol masculino como referência para pensar a ascensão da modalidade no Brasil.

Recuperamos a ideia proposta por Bourdieu (2004, p. 31) sobre dominantes e dominados onde é preciso “derrubar a hierarquia do campo sem contrariarem os princípios que lhe servem de fundamento” para recomendar a realização de novas análises e avançar no conhecimento sobre algumas minúcias silenciadas da história construída sobre o voleibol brasileiro. Por fim, partindo do mapeamento realizado, sugerimos a realização de estudos com abordagem diferenciada para compreender sociologicamente o papel do voleibol feminino nessa “história vitoriosa” do voleibol brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Gilmar Francisco. A reinvenção do Voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983-2008). Curitiba, 2011, 214f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 9. ed. São Paulo: Papyrus, 1996.
- _____. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2004.
- _____. A dominação masculina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. O senso prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2009a.

- _____. O poder simbólico. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009b.
- _____; WACQUANT, Löic. Una invitación a la sociología reflexiva. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.
- _____. A reprodução: elementos para umateoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CBV. Confederação Brasileira de Voleibol. Seleção brasileira. Disponível em: <http://migre.me/4uUc7> Acesso em: 03 abr. 2012a.
- CBV. Confederação Brasileira de Voleibol. Vôlei de praia. Disponível em: <http://migre.me/4uUq4> Acesso em: 03 abr. 2012b.
- COSTA, Marília Maciel. Vôlei de Praia: configurações sociais de um esporte-espetáculo de alto rendimento no Brasil. Brasília, 2005. 169 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília.
- FIVB. Fédération Internationale de Volleyball. FIVB Senior World Ranking – Men. Disponível em: <http://migre.me/4uTWB> Acesso em: 03 abr. 2012a.
- FIVB. Fédération Internationale de Volleyball. FIVB Senior World Ranking – Women 2008. Disponível em: <http://migre.me/4uU1t> Acesso em: 03 abr. 2012b.
- MARCHI JR., Wanderley. “Sacando” o Voleibol. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.
- MOREIRA, Tatiana Sviesk. O voleibol feminino no Brasil: do amadorismo à profissionalização. Curitiba, 2009. 157p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná.
- PINHEIRO, Ana Beatriz Latorre de Faria. O marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Desporto, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PIZZOLATO, Eduardo de Andrade. Profissionalização de organizações esportivas: estudo de caso do voleibol brasileiro. Rio de Janeiro, 2004. 125f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- VLASTUIN, Juliana. O caso da equipe de voleibol feminino Rexona (1997-2003): um estudo das inter-relações com a mídia esportiva. Curitiba, 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná.

THE WOMEN'S VOLLEYBALL AND ITS POSITION IN THE BRAZILIAN SPORTS FIELD

ABSTRACT

This paper offers some reflections on the insertion of women's volleyball in the sports field from studies of Pinheiro (1995), Pizzolato (2004), Marchi Jr. (2004), Afonso (2004), Costa (2005), Vlastuin (2008) e Moreira (2009). Through a qualitative and exploratory research, we identify key points that have supported our sociological interpretation based on the theory of Reflexive Sociology of Pierre Bourdieu. We note that the historical and social changes of the women's volleyball in the Brazilian sports field occurred between habitus built on historical effects of symbolic domination of men over women's volleyball, legitimized their positions in the sports field.

Keywords: Women's volleyball; Brazilian sports field; Power.

Recebido em: junho/2013
Aprovado em: novembro/2013